

## **SOARES, Raul**

\*dep. fed. MG 1918; min. Mar. 1919-1920; sen. MG 1921-1922; pres. MG 1922-1924.

*Raul Soares de Moura* nasceu na cidade de Ubá (MG) no dia 7 de agosto de 1877, caçula de uma família de sete filhos. Seu pai, Camilo Soares de Moura, era fazendeiro e coronel da Guarda Nacional. Sua mãe, Amélia Peixoto Soares, pertencia a uma família de grande poder político na região. Seu tio Carlos Peixoto de Melo foi político do Império, e seu primo Carlos Peixoto Filho foi parlamentar de grande destaque, sobretudo no governo do presidente Afonso Pena (1906-1909). Seus irmãos também fizeram carreira política: Francisco Soares de Moura foi deputado provincial (1888-1889) e deputado federal por Minas (1899-1902 e 1921-1930), e Camilo Soares de Moura Filho, além de deputado estadual (1894-1897) e federal (1903-1908), foi interventor em Mato Grosso (1917) e ministro do Tribunal de Contas da União (1918-1938).

Começou o curso secundário no Seminário Menor de Mariana (MG) e completou-o nas cidades mineiras de Barbacena e Ouro Preto. Em 1895 ingressou na Faculdade Livre de Direito de Minas Gerais, em Ouro Preto, e lá permaneceu por dois anos. Foi responsável pela edição de um jornal estudantil intitulado *Academia*, através do qual exprimia suas idéias e publicava poesias de sua autoria. O conteúdo de seus artigos revelava a importância que dava ao direito enquanto instrumento civilizatório e forma de combate ao despotismo e à anarquia. Quando da mudança da faculdade de Ouro Preto para Belo Horizonte, transferiu-se para a Faculdade de Direito de São Paulo. Integrou o Centro Científico e Literário Acadêmico, contribuiu para a fundação da Academia Paulista de Letras, foi um dos redatores do jornal *A Evolução* e foi presidente do Centro Acadêmico da faculdade. Era um conhecido membro da Bucha, confraria secreta que reunia os mais destacados estudantes da escola de direito paulista. No

campo das idéias, tornou-se conhecida a sua oposição à teoria do darwinismo social, contra a qual expressou sua discordância ao condenar a prática da pena de morte. Fazia duras críticas ao positivismo e às teorias raciais que ainda inundavam o ideário político e filosófico de sua geração. Desde os seus primeiros escritos manifestava-se como liberal e nacionalista, além de ser um admirador dos progressos da jovem nação estadunidense. Foi nos bancos da faculdade que travou sólida amizade com Artur Bernardes, a quem toda a sua trajetória política seria vinculada.

Ao concluir o curso de direito em 1900, após rápida passagem por Santa Luzia do Carangola, atual Carangola (MG), onde foi promotor de justiça e delegado interino de polícia, fixou residência em Campinas (SP), a convite do colega de turma e amigo Heitor Penteadó. Como seu interesse pela literatura era ainda muito grande, optou por ser professor de português no Ginásio Oficial de Campinas e frequentou ativamente o mundo das letras. Paralelamente, iniciou-se no exercício da advocacia com alguns colegas de faculdade. Tornou-se colaborador do jornal *Cidade de Campinas*, no qual escrevia uma coluna intitulada “Cartas de um solitário a Violeta de Parma”. Em 1908 assumiu o cargo de promotor público interino, mas logo em seguida exonerou-se para retornar a Minas Gerais, muito em razão das perdas sofridas com as mortes de sua primeira esposa, Alice Reis Soares de Moura, e de seu irmão, Carlos Soares de Moura.

#### O ARTICULADOR POLÍTICO

Em função da morte do irmão, foi substituí-lo na chefia política do município de Rio Branco, atual Visconde do Rio Branco (MG), região controlada politicamente por sua família. O contexto era o da sucessão presidencial de 1910, que opunha Hermes da Fonseca a Rui Barbosa. Ainda em Campinas, Raul Soares se havia comprometido com o civilismo, postura que teve que ser alterada com o seu retorno, uma vez que seu clã político e familiar já se havia previamente

comprometido com a candidatura de Hermes da Fonseca. A mudança de postura foi por ele justificada em variadas ocasiões. Alegava que se havia desvinculado do civilismo em razão das duras críticas que Rui Barbosa fazia contra o mineiro Venceslau Brás, candidato a vice-presidente na chapa hermista. Querer iniciar uma carreira política em Minas opondo-se a um de seus principais coronéis não era a melhor escolha naquele momento. Mas, na verdade, a mudança fora motivada pela morte do irmão, vítima de crime político cometido por facção oposta à de sua família e vinculada à candidatura de Rui Barbosa. Assim sendo, sua carreira política se iniciou fundamentada em antigas tradições da chamada “Velha República”, tais como a violência, a parentela como requisito de recrutamento e as disputas travadas entre famílias pelo controle dos municípios.

Após assumir a chefia do diretório do Partido Republicano Mineiro (PRM) de Rio Branco, foi eleito vereador, presidente da Câmara Municipal e agente executivo municipal. Enquanto por lá esteve assumiu também a direção de um jornal intitulado *O Mineiro*. Nos editoriais explicitava abertamente suas vinculações com uma das facções que disputavam o poder político municipal. Através de sua correspondência pessoal, é possível perceber que suas atividades não lhe agradavam muito. Sentia-se fazendo “política de roça” e odiava a violência que a acompanhava. Procurou assim ter rápida passagem pela região. Ao eleger-se deputado estadual em 1911, pôde abandonar a cidade, conferindo à sua carreira voos mais promissores. Na Assembleia Legislativa, posicionou-se a favor da autonomia dos municípios e colocou-se como porta-voz dos interesses de sua região de origem, a Mata Mineira. Atuou no campo da legislação eleitoral e foi responsável pela criação do Tribunal de Relação e da Câmara Eleitoral. Foi também membro da Comissão de Constituição, Legislação e Justiça.

Tendo em vista sua destacada atuação política e suas relações de amizade com importantes lideranças em Minas, foi ser secretário da Agricultura, Indústria, Terras, Viação e Obras Públicas do governo estadual de Delfim Moreira (1914-

1918). Como gestor público defendeu os interesses dos cafeicultores, ao propor uma reforma tributária que passava pela extinção do imposto sobre as exportações, o qual seria substituído pelo imposto territorial rural, ampliando-se o número de contribuintes do estado. Atuou igualmente na construção de ferrovias, na expansão da imigração subsidiada e na tentativa de reduzir os gastos públicos.

Foi no momento da sucessão de Delfim Moreira que a capacidade de articulação política, que sempre fora característica da sua personalidade, pôde manifestar-se com plenitude. Na ocasião, as elites mineiras estavam divididas em três facções, lideradas respectivamente por Venceslau Brás (silvianistas ou “viuvinhas”), Bias Fortes (biistas) e Francisco Sales (salistas). Duas das facções indicaram candidatos próprios. Coube a Raul Soares demover Delfim Moreira de escolher um deles, em prol de um *tertius*. Sugeriu o nome de seu parceiro político Artur Bernardes, nome que se tornou consensual. Bernardes foi eleito presidente do estado para o período de 1918 a 1922.

Também em 1918 Raul Soares foi eleito deputado federal pelo PRM, mas renunciou ao mandato por ter sido convidado por Bernardes para a Secretaria do Interior e Justiça. Como o cargo lhe conferia o privilégio de ser responsável pela condução de todas as eleições no estado, pôde interferir no processo de renovação das bancadas mineiras, estadual e federal, projeto arquitetado entre ele e Bernardes que acabou por conferir um perfil bastante diferenciado à representação mineira. Já o processo de renovação do PRM consistiu na alteração de alguns procedimentos regimentais com o fim de conferir maior poder ao presidente estadual através do esvaziamento da chamada “Tarasca”, a comissão executiva do partido. Todo esse processo intrincado de mudanças resultou em ampla renovação dos quadros do partido, com a exclusão de antigos coronéis, a abertura para a entrada de setores industriais emergentes e o rejuvenescimento da elite política mineira. O impacto de tal mudança foi tão grande que Raul Soares a

qualificou como tendo sido uma “revolução branca”. Foi igualmente bem-sucedido ao conseguir incluir uma série de amigos seus no governo, ampliando a sua base política. Entre eles estavam Afonso Pena Júnior, Alaor Prata e Daniel de Carvalho. Além de sua atuação político-partidária, enquanto secretário do Interior foi responsável pela realização de uma ampla reforma do ensino praticado no estado, que incluiu a criação de uma caixa especial do patrimônio escolar.

Sabe-se que a sucessão do presidente Venceslau Brás (1914-1918) foi uma das mais difíceis de ser construída durante a Primeira República. A doença do presidente eleito Rodrigues Alves, que levou o vice-presidente Delfim Moreira a tomar posse em seu lugar, e sua morte pouco tempo depois, que levou à convocação de novas eleições, abriram espaço para que novas articulações fossem travadas para a escolha de um sucessor num curto período de tempo. Artur Bernardes encarregou Raul Soares de representá-lo em todas essas articulações. Nesse contexto, Raul Soares se destacou nacionalmente na defesa dos interesses de Minas Gerais. Ao mesmo tempo, continuou na Secretaria do Interior e, com a ida de Afrânio de Melo Franco para o Ministério da Viação de Delfim Moreira, respondeu também provisoriamente pela Secretaria de Finanças do estado.

Tendo apoiado prontamente a indicação para presidente de Epitácio Pessoa, feita pelos gaúchos, e sua eleição em abril de 1919, Raul Soares foi convidado para ocupar a pasta da Marinha, para a qual foi nomeado em julho. Pela primeira vez na República, dois civis responderiam pelas pastas militares: Raul Soares pela da Marinha e Pandiá Calógeras pela da Guerra. Tais indicações não foram muito bem recebidas, na ocasião, pelos militares. Entretanto, como o ministério não lhe propiciava meios de ampliar sua força política nacional, Raul Soares demitiu-se em outubro do ano seguinte, optando por se candidatar ao Senado Federal, para o qual foi eleito em março de 1921. No Senado foi membro da Comissão de

Constituição e Diplomacia.

#### O CASO ITABIRA IRON

No início da década de 1920, muito em razão do impacto da Primeira Guerra Mundial sobre o processo de industrialização no Brasil, os gestores públicos de Minas Gerais começaram a voltar a sua atenção para dois campos promissores do desenvolvimento econômico do estado: a diversificação agrícola e a metalurgia. Os relatórios produzidos pelos engenheiros da Escola de Minas de Ouro Preto apontavam para a existência de uma volumosa quantidade de ferro e manganês na região central do estado.

Tal informação atraiu os olhares de alguns investidores estrangeiros, entre eles Percival Farquhar, um dos maiores investidores estrangeiros no Brasil. Esperando poder explorar livremente o minério em território brasileiro, Farquhar criou uma empresa, a Itabira Iron, e propôs ao governo federal a assinatura de um contrato através do qual sua companhia seria autorizada a explorar jazidas de minério em troca de carvão. O contrato também envolvia a cessão, em regime de monopólio, da estrada de ferro Vitória-Minas para o transporte do ferro até o porto. Epitácio Pessoa assinou o contrato sem fazer nenhum acordo prévio com Minas Gerais.

Prontamente, Raul Soares se opôs à celebração do contrato, com o aval do então presidente do estado Artur Bernardes. Ao expressar sua discordância, afirmou só ser possível autorizar a exportação de minério de ferro se as empresas se comprometessem a construir uma usina siderúrgica em Minas Gerais como contrapartida. Em razão da resistência dos mineiros, um acordo alternativo teve que ser feito, desta feita preservando os interesses nacionais e especificamente os de Minas Gerais. Em 1923, aproveitando a visita do rei da Bélgica ao Brasil, foi celebrado com ele um acordo que resultou na construção de uma usina siderúrgica em Minas Gerais, a Belgo-Mineira, adiando-se para 1927 os acordos

com a Itabira Iron. Na prática, tais acordos nunca se realizaram em razão das crises econômicas do final da década. A postura nacionalista de Raul Soares garantiu-lhe um entusiástico apoio da imprensa nacional, sinal do predomínio de uma cultura política que só se ampliava na década de 1920 no Brasil.

#### PRESIDENTE DE MINAS GERAIS

Enquanto senador da República, a atuação de Raul Soares esteve voltada para a projeção nacional de seu aliado Artur Bernardes, o qual planejava ser candidato situacionista à sucessão de Epitácio Pessoa em 1922. O apoio de São Paulo à candidatura mineira viabilizou a sua sustentação. O que Minas e São Paulo não contavam era com a dissidência de oligarquias poderosas que, ao se sentirem excluídas das articulações, reuniram-se em torno de uma candidatura de oposição. Assim, as oligarquias do Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Bahia, embora divididas, se uniram na chamada Reação Republicana e lançaram o nome de Nilo Peçanha. Contavam com o apoio de setores médios urbanos e dos tenentes, que já manifestavam na ocasião os seus anseios reformistas.

Ao longo de todo esse processo que envolveu muitas turbulências, Raul Soares teve destacada atuação, não só na eleição de Bernardes como na garantia de sua posse. Em reunião decisiva, que contou com a presença das principais lideranças políticas daquele contexto, convocada para deliberar sobre a posse ou a renúncia do presidente eleito, defendeu praticamente sozinho a posse de seu parceiro político, a qual teve que se dar sob estado de sítio. Cumprido seu objetivo, e eleito sucessor de Bernardes em Minas – indicado pelo próprio Bernardes, que, na ocasião, tinha o total controle sobre o PRM –, voltou a Belo Horizonte e assumiu com tranquilidade o governo do estado.

Muito embora os cofres de Minas Gerais estivessem esvaziados em função do impacto negativo da Primeira Guerra Mundial sobre a cafeicultura, Raul Soares fez uma gestão bastante ousada. Propôs uma reforma agrária com o objetivo de

reduzir o número de latifúndios, usando como instrumento uma nova legislação que dificultava a existência de terras devolutas. Paralelamente, reforçou a política imigrantista e concedeu subsídios visando à fixação do homem no campo, além de ter investido na criação de núcleos coloniais próximos às ferrovias. Ampliou o sistema viário do estado, buscando integrar as suas diversas regiões à zona metalúrgica, que já se desenvolvia celeremente. Destacou-se, igualmente, o investimento estatal realizado na produção da cana-de-açúcar, projetando para o futuro o uso industrial do álcool como fonte alternativa de energia. Raul Soares foi ainda responsável pela modernização e expansão do ensino agrícola, bem como pela regulamentação das atividades policiais em Minas. Para isso teve que primeiro sanear as contas públicas, aumentando suas fontes de renda. Vencida essa etapa, foi possível disponibilizar mais crédito ao setor exportador, ampliando a pauta mineira de exportações.

No plano federal, Raul Soares usou de todos os meios para garantir sustentação à gestão de Artur Bernardes. Apoiou o presidente em suas atitudes repressivas contra os tenentes e contra as oligarquias dissidentes. Como presidente de Minas, enviou um batalhão de voluntários civis para auxiliar na repressão aos revoltosos de 1924 em São Paulo. Chamou o batalhão de “Cruzada Republicana”, já que estaria voltado para combater os supostos inimigos do regime. Na ocasião, sua esposa liderou uma ação de coleta de fundos destinados a apoiar o soldado mineiro na frente de batalha. Mas o desfecho dessa história de lutas entre o governo federal e o movimento tenentista não pôde ser acompanhado por Raul Soares, embora se possa imaginar que não teria sido de seu agrado, como não o foi para seu parceiro político Bernardes, exilado após a Revolução de 1930. A morte súbita devida a complicações cardíacas, em 4 de agosto de 1924, interrompeu seu mandato à frente do governo de Minas Gerais, no qual foi substituído interinamente por Olegário Maciel.

Além de político, Raul Soares exerceu a advocacia, tanto em Campinas como em



Belo Horizonte, onde dividia escritório com Afonso Pena Júnior. Foi também professor da Faculdade de Direito de Minas Gerais, onde lecionou direito público e constitucional e direito internacional privado. Como escritor e poeta, publicou seus trabalhos em vários jornais e revistas. Em 1904, lançou um livro intitulado *Gramática de João Ribeiro*. Mas a sua mais importante peça literária foi *O poeta Crisfal, subsídios para o estudo de um problema histórico-literário*, obra publicada em 1909. Para algumas publicações usou os pseudônimos Lauro Resas e Saulo Serra.

Raul Soares foi casado duas vezes. Depois de enviuvar de Alice Reis Soares de Moura, casou-se em 1917 com Araci Emília Von Sperling Soares de Moura, com quem viveu até morrer.

*Cláudia Viscardi*

FONTES: ADORNO, S. *Aprendizes*; AMORA, P. *Bernardes*; BARBOSA, F. *JK*; BARBOSA, W. *Dicionário*; CARVALHO, A. *Raul Soares*; CARVALHO D. *Capítulos*; CARVALHO, D. *Francisco Sales*; CARVALHO, A. *Vultos*; CAVALCANTI, P. *Presidência*; DULCI, O. *Política*; FLEISCHER, D. *Cúpula*; FRANCO, A. *Um estadista*; FRANCO, A. *Rodrigues Alves*; GUSTIN, F. *Memória*; MAGALHÃES, B. *Artur Bernardes*; MONTEIRO, N. *Dicionário*; PESSOA, E. *Pela verdade*; SALLES, J. *Se não*; SILVA, L. *Crise*; VENÂNCIO FILHO, A. *Das arcadas*; VISCARDI, C. *Minas* (p.89-95, 1999); VISCARDI, C. *Teatro*; WIRTH, J. *Fiel*.